

**O GRAVADOR DE SOM COMO DISPOSITIVO DE  
EXPERIMENTAÇÃO DO LUGAR: sonoridades de uma escola agrícola**

Rogério Borges  
Doutorando pelo Programa de Educação da UNICAMP  
borgesrioclaro@gmail.com

**Resumo**

O presente trabalho apresenta a experiência de captação livre de sons feita por estudantes de duas turmas do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Agrícola Engº. Rubens Foot Guimarães, localizada no distrito de Ajapi, zona rural de Rio Claro-SP, como parte da pesquisa de doutorado intitulada “Um pesquisador-cineasta na escola agrícola: educação geográfica através da criação de uma série cinematográfica”. Nessa etapa da pesquisa, duas turmas – 9º e 7º anos - realizaram a gravação de sons ambientes, para compor um banco de dados sonoros que serviria para um documentário em fase de pré-produção. A partir do conceito de dispositivo cinematográfico (MIGLIORIN, 2005), utilizamos o gravador de som como um instrumento capaz de elevar a audição e propor aos participantes outras relações sensoriais. Nesse sentido, dividimos a turma em duplas, que tiveram 10 minutos para experimentar as paisagens sonoras da escola e gravar o que quisessem. Enquanto um estudante operava o gravador e monitorava os sons, o outro ficava de apoio, fazendo um boletim sonoro, onde anotava seus nomes e o que era gravado. Eles ficaram livres para trocarem ou não de função. Os materiais apresentados estão em estado bruto, sem nenhum tipo de edição, e apresentam uma experiência geográfica a partir da audição, trazendo outras percepções ao lugar e afetando seu devir-imagem, uma vez que fez com que os estudantes tivessem outras miradas para ele.

**Palavras Chave:** cinema; som; escola; lugar; geografia.

**Introdução**

Pensar Educação na contemporaneidade implica lidar com as imagens, seja por proposta pedagógica dos educadores ou como uma presença “externa”, que pode ser vista como potência ou como algo proibido, a depender do perfil e regras de cada aula e escola. No primeiro caminho, muitos professores estão se aventurando, com ou sem embasamento teórico, propondo atividades em vídeo, criação de histórias, promovendo sessões e festivais de cinema escolares etc. Já nos que preferem não lidar com o mundo das imagens, cria-se uma presença oculta, proibida, que ameaça a atenção dos estudantes para o que/como a escola julga importante ensinar e aprender. É comum nas escolas a proibição do uso do celular, não para que os alunos não recebam ligações, pois isso é raro, mas porque o celular leva a um lugar que foge do controle da gestão escolar.

Nessa tensão crescente – entre o mundo fora da escola, imagético, virtual; e o mundo da educação tradicional, obsoleto, textual – os projetos e pesquisas que envolvem perspectivas pedagógicas a partir de imagens e sons soam como um caminho de esperança para gestores, como um meio de canalizar e “domar” essa força que assusta, e pode gerar infinitos problemas e riscos. É um agente novo de composição desse lugar e não há um caminho pronto para trilhar.

Nesse sentido, é comum quando adentramos nas escolas, praticamente já existir uma pauta pronta, sobre o que precisam e esperam que se faça, em termos de cinema e audiovisual, em geral como um uso instrumental para algum conteúdo ou campanha social interna, como combate ao bullying, coleta seletiva, datas temáticas etc.

No entanto, ao trabalhar com a concepção da arte como elemento perturbador dentro da escola (BERGALA, 2008, p.30), nossas intervenções evidenciam que não pretendemos retomar nenhuma ordem e nem responder a um problema posto, mas sim promover aberturas e mudar as perguntas, fazendo do lugar-escola um espaço de criação de mundos e produção de conhecimento. Por isso, as propostas que envolvem o uso das Artes são necessariamente propostas geográficas, pois apresentam outras formas de sentir, existir, expressar, estar, ser no lugar e no mundo, afetando a mente geográfica que “implica em uma atitude da mirada-de-fora-para-dentro que, ao reconhecer a diferença, também indaga necessariamente sobre os termos da negociação” (MASSEY, 2017, p. 39).

Na busca por uma educação através da Geografia, que é uma ciência visual caracterizada tradicionalmente pelo uso de mapas e observação das paisagens, utilizamos o cinema como um elemento perturbador, composto por áudio e visual, mas que tem também na imagem sua centralidade, como a escola, a Geografia, o mundo. O que acontece, então, se a paisagem for experienciada pelo som? Não por uma escuta cotidiana, mas utilizando de um instrumento “sobre-humano”, que nos faz ouvir o que o “ouvido nu” não consegue? Que lugar é esse que se apresenta pelos sons? Como o devir-imagem dessa escola é afetado por estudantes que caminharam através do som, fazendo uma busca criativa auditiva? O lugar a partir do som apresenta outras geografias...

### **Primeiras duplas: em busca dos acontecimentos**

Chego até a sala do 9º ano e explico a atividade que faremos hoje: sair em duplas para gravar sons quaisquer. Apresento os instrumentos que utilizaremos: um gravador de som, da marca Tascam, modelo DR-100mkII; um “cachorrinho”, capa de pelúcia que serve para proteger o microfone do vento; e um fone de ouvidos, para monitoração. Duas meninas se disponibilizam para começar: Duda e Iasmin. A primeira, assume o aparelho, e a segunda, o boletim de som. Elas pensam por alguns instantes e ouvem um barulho vindo do barracão do fundo, do outro lado do terreno da escola. Se lembram que é o “Dia do Desafio”. Ao chegarmos lá, há um professor de Educação Física com uma turma de Ensino Fundamental I, formados em círculos. Elas olham afirmando positivamente que vão começar a gravar. Duda dá o *rec*: [https://youtu.be/zGo\\_f06OK4k?si=H9MWk1HysJOjY3\\_t](https://youtu.be/zGo_f06OK4k?si=H9MWk1HysJOjY3_t) . O professor explica o que é o evento, que propõe desenvolver atividades de cooperação entre a comunidade. Duda dá o *stop* e passa o gravador para Iasmin, que continua a gravar a turma infantil, que agora faz uma contagem nos exercícios, em português e depois em inglês, o que empolga mais: [https://youtu.be/pMp8KXo\\_pmM?si=jpGp9kPgrl7N2kIh](https://youtu.be/pMp8KXo_pmM?si=jpGp9kPgrl7N2kIh) .

Voltamos e trocamos para a próxima dupla: Guilherme e Matheus. Eles pegam o equipamento e caminham em direção a um pátio mais próximo, onde alguns alunos ensaiam tocando lira (ou xilofone) em roda: [https://youtu.be/jQ\\_iBJHpf6c?si=p0Mz9bp9099EOztB](https://youtu.be/jQ_iBJHpf6c?si=p0Mz9bp9099EOztB) . Reconheço a música: Não Quero Dinheiro, de Tim Maia. Guilherme grava e Matheus fica no apoio. Não querem trocar de função. O dispositivo consistia em gravar apenas 1 arquivo por aluno, mas como estavam em dupla, ainda poderiam escolher algo. Terminam de gravar um trecho do ensaio e olham ao redor, mas não encontram mais nada “acontecendo”, segundo eles. Voltamos para a sala.

### **Paisagem e potência sonora dos lugares.**

A próxima dupla, Arthur e Vitor, parecem já saber o que buscam: um lugar. Passamos pelo pátio, cruzamos o refeitório e vamos até a cozinha. Arthur está determinado. Ficamos em silêncio e ele nota o som de uma máquina, talvez um refrigerador, vindo da outra cozinha. Começa a gravar e nos olha, confirmando que deu o *rec*. Faz 2 *takes*: <https://youtu.be/XkK798xHEuM?si=7FLRrzbJIWYOH9G8> , <https://youtu.be/ryjzEXMKTYc?si=v59K2z1rppForHjG> e diz que tem o suficiente. Oferece o gravador para Vitor, mas ele diz que não quer. Arthur pede para gravar mais um e eu autorizo. Ele começa então sua peça sonora, “tocando” os objetos da cozinha: <https://youtu.be/Vf1pAon4Oxg?si=spbnxNYbEW-Ilde4> . Me dirige com os olhos, indicando que eu mexa nos talheres, na parte final do arquivo.

A última dupla, Mario e José, pegam o gravador e falam que querem gravar a chuva. Tentamos ir para algum lugar distante, mas somos impedidos pelo risco de molhar o equipamento. Mesmo molhando bastante em poucos segundos, o som da chuva é baixo, difícil de captar. Encontramos uma sala de aula vazia, eles apontam o microfone para fora da janela e tiram o “cachorrinho” para gravar: [https://youtu.be/nk6TcxiR4xQ?si=5CvvnUJscAA\\_igj8](https://youtu.be/nk6TcxiR4xQ?si=5CvvnUJscAA_igj8) . Eles terminam e o sinal para o intervalo soa.

### **Novos caminhos e reencontros.**

Após o intervalo, vou para a sala do 7º ano e apresento novamente a proposta. Gabi e Nycolle saem para gravar. Fico parado no pátio e elas seguem em busca dos sons. Passam pelo ensaio das caixas da fanfarra, e param para gravar: <https://youtu.be/Gox16zAEqZs?si=8LfZx1tiql8yagit> . Gabi passa o gravador para Nycolle e descem para a suinocultura: <https://youtu.be/tLJzbnNhOTI?si=3LaKCApS62QOcv9k> . A próxima dupla, Lucas e Miguel, vai também atrás dos animais, mas agora na baia do cavalo Nitão: <https://youtu.be/eNepX5eycrQ?si=u43-pNf3rKcFyhnK> . O som do ensaio de caixas também os atrai: <https://youtu.be/VvGcL9A5mFg?si=N-whHK3uKvq51Ieb> .

A próxima que grava é Maria Vitória, que vai até o galinheiro: <https://youtu.be/sPCud0Z4D5g?si=VaiNZNEFUWMLG9QY>. Gabriel é o último a gravar, fica parado próximo à floresta e de forma genérica, nomeia seu áudio de “natureza”: [https://youtu.be/Nazuuh4-ubg?si=97viqe2-bnBm1Q\\_x](https://youtu.be/Nazuuh4-ubg?si=97viqe2-bnBm1Q_x). Sem parar a gravação, sua parceira de dupla, Kamili vai até o parquinho infantil e começa a fazer sons, interagindo com os brinquedos.

### **Conclusões**

A proposta de utilização do gravador de som como dispositivo para experimentação do lugar criou uma outra forma de habitar esse espaço: a busca pelos sons. Enquanto os primeiros estudantes de cada turma foram atraídos por ruídos mais evidentes, como a turma das crianças e os ensaios da fanfarra; os últimos buscaram sons ambientes, da chuva e da natureza, além de intervir artisticamente, produzindo sonoridades através dos objetos da cozinha e dos brinquedos do parquinho. Seria o perfil de cada estudante determinante para o tipo de som que buscaram? Ou os que foram pegos de surpresa tiveram menos tempo para pensar e criar, e por isso foram atrás das situações que produziam mais ruídos? Houve, nas duas turmas, uma busca para se diferenciar dos que já tinham feito antes, de modo que as experimentações feitas no grupo afetassem as escolhas/ações seguintes.

A compilação sonora produzida pelos estudantes apresentou a escola, não o que ela é, mas o que ela se tornou com a intervenção dos sonidistas escolares. Evidenciando a multiplicidade do lugar (MASSEY, 2008), trajetórias se cruzaram com o cinema, como a fanfarra, o Dia do Desafio, a vida dos animais, criando desdobramentos do lugar-escola a partir de si mesmo, com um novo agente: a experiência sonora expandida. Nesse contexto, como a presença de um estudante com um gravador de som afetou o funcionamento da escola? Apesar de habituados com as práticas de cinema, não explicamos para ninguém o que estávamos fazendo. A empolgação dos alunos contando até dez em inglês, o foco no ensaio de xilofone, a atenção a qualquer sonoridade mínima que pudesse surgir, tudo isso existiu a partir da intervenção sonora cinematográfica. Arthur já “tocou” os talheres alguma vez na vida ou essa possibilidade só surgiu com a experiência da escuta do gravador? Potências espaciais (OLIVEIRA JR, 2015, p. 325) ativadas pelo gravador...

A busca pelos animais, já presente em outras atividades de criação imagética na escola agrícola para a realização do filme “Para Onde Vão Os Animais?”, se mostrou como um caminho criativo para muitos alunos, sempre que podem escolher livremente onde ir. Tanto os porcos, quanto os bois, o cavalo Nitão e as galinhas, habitam o imaginário das crianças, como algo mítico e simbólico, personagens que eles fazem questão de evidenciar. Isso é um fator de diferença nessa escola, é algo que permeia a mente geográfica dos alunos que, se reconhecendo como diferença, afeta os termos de negociação, na já citada “mirada-de-fora-para-dentro” (MASSEY, 2017, p. 39).

Quanto à atenção focada para o som, não é algo que o gravador em si criou, pois poderíamos usar um celular e um fone, equipamentos que a maioria dos estudantes já possui, ou apenas os ouvidos, o principal instrumento auditivo. No entanto, o encantamento com um aparelho eletrônico novo e diferente e a qualidade do som que se ouve, foram fatores que aumentaram o engajamento na atividade. A paisagem sonora da agrícola também se diferencia das demais escolas, pois está na zona rural, distante do centro urbano e, portanto, menos ruidosa em seu entorno. É um lugar em que se vê poucos adolescentes usando fone, talvez por uma questão social ou cultural, mas implica uma outra relação com o lugar e sua escuta. Mesmo assim, o imperativo da ordem na escola é um elemento sonoro: o sinal. Ele toca a cada 45 minutos, ordenando para que os corpos mudem de sala, comam, brinquem, vão ao banheiro, sigam as regras.

No entanto, essa nova experiência geográfica – caminhando pelo som – trouxe desvios de percurso e de atenção, afetando a mirada através da escuta, levando a lugares que pareciam banais para as imagens, como uma pia com louças, mas se tornaram potências através do som. Na contramão do cinema convencional, que produz sons para imagens já dadas, como a criação sonora como ponto de partida afeta o devir-imagem daquele lugar? O que muda na forma de olhar o mundo, quando nos colocamos, primeiro, a ouvi-lo? Podemos mudar nossa relação com os sentidos através de práticas “cinegeográficas”? Como seria a experiência de alguém que vive diariamente na comunidade agrícola ao ouvir/ler esse texto? Que escola emerge a partir de diferentes vivências e experiências com aquele lugar? Em busca de novas perguntas, as escolas – principalmente as dissidentes, como a agrícola – nos parecem ótimos campos de experimentação para outras geografias, cinemas e mundos possíveis.

## **Referências**

BERGALA, A. **A hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola.** Tradução Mônica Costa Netto, Silvia Pimeira. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

MASSEY, D. **A mente geográfica.** Niterói: Universidade Federal Fluminense. GEOgraphia. Vol.19, No40, 2017.

MASSEY, D. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade.** Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIGLIORIN, C. **O dispositivo como estratégia narrativa.** In: Anais do 14º Encontro Anual da Compós, 2005, Niterói. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2005. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2005/trabalhos/o-dispositivo-como-estrategia-narrativa?lang=pt-br>> Acesso em: 26 ago. 2023.

OLIVEIRA JR., W. M.; AZEVEDO, A. F. (org.); RAMÍREZ, R. C. (org.). **Imagens desabam sobre paisagens - Acidente e espaço acidental no cinema de Cao Guimarães.** Intervalo II: entre geografias e cinemas. UMDGEO - Departamento de Geografia, Universidade do Minho, Braga-Portugal. 2015.

OLIVEIRA JR., W. M. **Outros espaços no cinema contemporâneo: campo de experimentações escolares?** Quaestio, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 67-84, maio 2016.